

A religião como instrumento de opressão e resistência

Haroldo Reimer

Os profetas são personagens e figuras atentas ao desenrolar da vida do povo e da nação. Sabe-se que o contexto geral da atuação do Oséias original é a segunda metade do século 8 a .C. É um período em que a expansão do Reino do Norte vai chegando ao fim, limitado pelo avanço dos assírios, que começam a ser uma ameaça concreta a partir de 740 a .C. Tanto para a expansão do reino quanto para a defesa se necessita de muita gente para trabalhar e lutar.

Havia, na época, mecanismos socialmente aceitos como o pagamento de tributos e o trabalho forçado por tempo determinado (corvéia). Jovens podiam ser recrutados para participar do exército e outros familiares para trabalharem em obras públicas (1Sm 8,11-18). Para isso havia mecanismos de força e poder: para obrigar e submeter os corpos das pessoas.

Mas havia também a necessidade de criar mecanismos que penetrassem mais fundo na alma das pessoas. Isso era feito através da religião. Religião convence mais a fundo! No mundo do antigo Oriente, os templos faziam parte da estrutura da monarquia. Santuários eram propriedade do governo, da casa real (Am 7,13)! O pessoal do templo, isto é, sacerdotes, profetas da corte e também levitas eram uma espécie de empregados do governo real. A maioria defendia os interesses do reino e do rei, e o fazia em nome de Deus, em nome de Javé.

O Reino do Norte surgiu politicamente como resultado de um movimento de resistência contra a opressão do reinado davídico-salomônico, no final do século X a.C. Essa resistência fora animada pelo espírito profético, em nome do Javé libertador do Egito. Para as tribos do norte, o governo de Salomão era entendido como um Egito local, isto é, como promotor de opressão e subjugação. Portanto, romper com Jerusalém era um ato libertador! E essa ruptura foi feita em nome de Javé. A fé javista, então, foi oficialmente cultuada no norte como fé oficial, valendo-se, porém, de elementos cúlticos como estátuas de bezerros (1Rs 12). Quando houve desvios, como no tempo do rei Acabe e de Jezabel (874- 853 a .C.), que promoveram o culto ao deus Baal, houve críticas proféticas (Elias) e revoltas sangrentas. O rei Jeú, um javista convicto, incentivado pelas críticas de Elias e Eliseu, provocou uma matança geral dos adeptos de Baal, restabelecendo a fé javista, mas, mais tarde, essa ação é criticada por Oséias (Os 1,4).

Nos tempos de expansão do reino e mais tarde diante das ameaças estrangeiras, os templos deveriam convencer a alma das pessoas de maneira mais profunda a participar dos projetos oficiais. O profeta Amós, que atuou antes de Oséias no Reino do Norte, criticou duramente o pessoal dos templos por introduzir uma série de novas práticas litúrgicas e ritos, nos quais se incentivava o povo a aumentar as ofertas, dízimos e entregas para os santuários (Am 4,4-5; 5,21-26). Tudo isso era promovido dentro do espírito de uma teologia da retribuição, incentivada pelos sacerdotes e profetas. Diziam que Javé se agradaria de quem trouxesse mais ofertas e tributos! É muito provável que nos santuários também se fomentava a fé no deus Baal, tido como responsável pela fertilidade. De qualquer forma, a produção e os tributos eram aumentados com o auxílio da religião! Em últimos casos, porém, os tributos revertiam para a estrutura da monarquia, porque os santuários faziam parte dela. Nesse tipo de incentivo religioso parece que não se levava muito em conta o sofrimento, o empobrecimento e a miséria das famílias camponesas.

No texto de Os 5,1-7, há uma crítica contra as autoridades de Israel. Mencionados expressamente são os sacerdotes e a casa de Israel, a corte. Esta elite seria um laço, uma armadilha para o povo. Quando no texto se fala de “enganar” ou “trair” Javé, o profeta provavelmente está fazendo um julgamento da realidade à luz da memória do Êxodo e da libertação, tão presente na história própria do povo. A referência à “prostituição” provavelmente remete para um processo de sincretismo entre Javé e Baal, promovido pelos sacerdotes, mas também cultivado por grupos proféticos. Oséias, neste caso, é representativo de uma posição de defesa da fé exclusiva em Javé, reforçando polêmicas contra outros deuses. Isso garantiu a Oséias um lugar de destaque no cânon profético, no qual os profetas, entre outros, são vistos como preparadores e promotores da fé exclusiva em Javé e, assim, do monoteísmo javista.

A pergunta que fica para hoje é como se pode promover novas relações com outras expressões religiosas dentro de um espírito ecumênico.

[Texto publicado em: REIMER, Haroldo (org.). *Oséias. Juízo, misericórdia, conversão. Encontros sobre o livro de Oséias*. São Leopoldo: Cebi, 2005, p. 23-24]